

Nossas janelas enxergam o mesmo jardim

Não sei porquê nesse mundo a ausência aumenta o valor das coisas. O fato é que da janela do meu quarto eu te vejo, lavando a louça eu te vejo, estendendo a roupa eu te vejo. Recortes suavemente diferentes de sua história. Nunca completa. Tem outro prédio bem em frente ao meu, me fazendo imaginar o que se passa por trás do concreto. Eu poderia descer, te alcançar, te viver. Mas talvez aqui esteja mais seguro, talvez o sexto andar seja o suficiente para evitar um coração partido. Pessoas suavemente massageiam suas costas, outras descem cheias de adrenalina. Cachorros experimentam a liberdade, enquanto outras pessoas são obrigadas a enfrentar seus medos diante deles. Os visitantes dividem espaço sem traçar, mas ultrapassando limites. Teu público se torna nosso de um jeito improvável. Tem corrida, tem música, tem água de côco e pipoca. Tem criança visitando Castelo de Princesa, tem historiador lamentando o estado do passado e tenho quase certeza que tem alguns amores escondidos no jardim. No meu parapeito não cabe toda sua esperança. Cai névoa pela manhã, cai chuva a tarde e você segue retumbante como um quadro na minha parede. Eu te conheci por dentro, tuas salas nunca moradas, teus tetos preparados para família que nunca veio, teus corredores de alguma realidade que não conheci. Fiz piquenique no teu quintal, ajudando a te criar memórias. Cantei com outros tantos milhares em uma noite de parabéns. A primeira foto com a minha esposa eu tirei nas tuas fontes, hoje secas, só que por sorte o condomínio na minha frente bloqueia exatamente essa parte, me permitindo sonhar, quando tua beleza era um show a parte; Me permitindo crer que será tudo mais uma vez. Não sei, talvez minha distância seja apenas preguiça, aquela velha culpa que jogamos no tempo, ou talvez ainda seja um inconsciente tentando preservar essas lembranças, para que não se

desconstrua nosso ideal. Infelizmente o pôr-do-Sol não se faz entre essas redes que separam o nosso olhar. Não sei como a brisa da noite chega a teu concreto, se fogem ou se te acompanham, quem fecha teus portões, quem zela teu descanso. Quando volto estamos assim, sós. Confesso que é meu momento preferido. Tuas luzes iluminam o bairro todo, deixam tudo em tom de sépia. Os faróis te rodeiam como vaga-lumes. Mas no final das contas os apartamentos estão apagados, as cortinas estão abaixadas, e a TV reflete em quem já dorme. Somos só eu e você. Observo todos teus detalhes, tua fachada, tuas árvores, tua paz e tranquilidade. Imagino a solidão deste jardim, o silêncio de tua casa. Entre o dia que pesa a cabeça o que me hipnotiza é tua beleza e grandiosidade. Tem algo nessas noites, nesses encontros, de sincero, de puro, de íntimo, de liberdade. Até meus suspiros parece que entende, contemplamos o tempo em todos seus estados e nos esquecemos dentro dele. Acho que somos parecidos eu e você, cheios de potencial, presos nos nossos sonhos, na espreita de oportunidades. Só que o hoje já acabou e já não é preciso pressa nessa madrugada, então fico mais um pouco, observando a vida e toda essa história que um dia também me ultrapassará.